

INTRODUÇÃO

# POPULISMO, MÍDIA E JORNALISMO:

Uma introdução à edição especial



JULIÁN DURAZO HERRMANN

*Université du Québec à Montréal – Montreal (QC) – Canadá*

ORCID: 0000-0002-3758-8771

TANIA GOSSELIN

*Université du Québec à Montréal – Montreal (QC) – Canadá*

ORCID: 0000-0002-5159-0990

ALLISON HARELL

*Université du Québec à Montréal – Montreal (QC) – Canadá*

ORCID: 0000-0002-5099-0044

DOI: 10.25200/BJR.v17n3.2021.1487

## 1 Populismo: Uma definição com relevância midiática

O fenômeno político conhecido como populismo possui uma longa trajetória, que data da segunda metade do século XIX, e pesquisadores e atores sociais identificaram diferentes maneiras de exercer uma política populista (Quattrocchi-Woisson, 1997). O populismo se estabelece em sociedades submetidas a rápidas transformações e grandes incertezas, nas quais novos grupos sociais - e alguns grupos estabelecidos - buscam estabelecer posições legítimas e favoráveis a si mesmos (Germani, 1971).

Em seu nível mais fundamental, populismo é uma crítica radical ao elitismo, baseada no direito do povo de decidir as questões que o afetam. Desta forma, o discurso populista possui um componente democrático intrínseco, que busca a ampliação da

esfera pública e o exercício do poder pela maioria. Neste contexto, as organizações institucionais em vigor são construídas como elitistas (Laclau, 2008). Ao mesmo tempo, o populismo é uma política dinâmica de clivagem, separando um “nós” moral - o povo - de um “eles” perverso, que deve ser removido da política.

“O povo”, “nós” e “eles” são significantes vazios, e o significado destas oposições é determinado pelo enunciador de acordo com o contexto e a conjuntura em uma tentativa determinada a contestar a hegemonia social e redistribuir os recursos políticos (Laclau, 1989; Dos Santos & Moreira Cesar, 2021). Portanto, o populismo não possui um componente ideológico estável, configurando-se em uma forma discursiva de engajamento político (Armony, 2002; em Tant, 2021). Expressões como “populismo de direita” ou “populismo nacionalista” comunicam a intersecção entre o populismo e diferentes ideologias (Dufour, 2021).

O populismo e a sua percepção antagonista das instituições democráticas vigentes tornam-se um fenômeno político saliente quando um sistema político é incapaz de responder adequadamente às críticas populistas. Quando as instituições falham em integrar suas demandas ou em oferecer legitimidade a grupos sociais, novos ou existentes, o populismo pode acelerar uma crise política profunda, marcada por intensa polarização, na qual não apenas os atores políticos - “eles” - são fortemente acusados, como o quadro institucional como um todo é apontado com indiferente ao “povo” e, portanto, corrupto e descartável (Mudde & Kaltwaaser, 2018; Fernandes et al., 2021).

Além de ser anti-elitista e polarizante, o populismo também é anti-pluralista. Uma vez definida, a natureza do “povo” serve como critério rápido e fácil na identificação de quem pertence propriamente ao regime e quem não pertence. A natureza moral de seu apelo ao “povo” imbuí o populismo com uma ética de convicção inabalável (Dufour, 2021). Enquanto discurso radical, desconsidera suas contradições internas e trata as nuances como tentativas de distração. Ao usar as redes sociais como plataforma, as encarnações contemporâneas de populismo consolidam essa característica, tanto ao premiar afirmações breves e irrefutáveis, quanto ao criar “bolhas” que estimulam o pensamento único e a exclusão do contraditório (Troude-Chastenet, 2018; Mangerotti et al., 2021). Tweets populistas geram mais engajamento do que tweets que recorrem a outros recursos argumentativos (Cassells, 2021). Até mesmo conteúdos jornalísticos

da mídia de massa que recorrem a declarações populistas de um ator político ou de um jornalista geram mais comentários (Blassnig et al., 2019). Além disso, já há evidências de que a exposição às redes sociais (ao invés da seleção própria de conteúdo) pode aumentar a probabilidade de apoio a um partido populista radical de extrema direita (Schumann et al., 2021).

Devido à sua natureza discursiva, a mídia sempre contribuiu de forma *sine qua non* à amplificação do populismo nas sociedades de massa (Pessey, 2014). No entanto, conforme os artigos nesta edição especial mostram, atualmente os jornalistas e os meios tradicionais passaram a fazer parte das críticas ao elitismo (Hameleers, 2020) - bem como cientistas, intelectuais e até mesmo artistas - como “eles”, tornando-se alvos principais da culpa e crítica, junto com os atores políticos.

Mesmo que a metanarrativa de democracia seja parte do populismo desde sempre (Laclau, 2008), as formas contemporâneas do populismo ultrapassaram a metapolítica para incluir um componente meta-jornalístico (Dos Santos & Moreira Cesar, 2021; Tant, 2021). A crise institucional atual inclui, portanto, as estruturas políticas e grupos de mídia tradicionais e seus veículos jornalísticos, bem como os processos estabelecidos de coleta e difusão de conhecimento, alargando a ameaça sistemática que o populismo representa (ou propõe, como poderia ser colocado a partir de um outro ângulo normativo) a novos campos sociais.

Para a mídia e o jornalismo contemporâneos, o populismo ultrapassa a crítica à elite do establishment para questionar valores historicamente consagrados. Por um lado, os populistas atacam valores centrais ao jornalismo enquanto prática profissional, como moderação, fact checking e neutralidade, como restrições elitistas ao conhecimento e às demandas populares. Por outro lado, eles aproveitam a expansão das trocas sociais em plataformas digitais envolvendo veículos tradicionais e mobilizando novos enquadramentos aos eventos ao mesmo tempo em que impõem novos tópicos à agenda pública - muitas vezes promovendo uma comunicação “não midiaticizada” com suas audiências. A atual iteração da moralidade radical do populismo e o choque irreconciliável entre “nós” e “eles” permeiam os enquadramentos e as agendas (Dos Santos & Moreira Cesar, 2021).

Assim como no passado, mudanças tecnológicas na mídia são associadas à atual investida populista. Apesar de promessas

políticas e ilusões acadêmicas sobre a ampliação da esfera pública associada à preservação de sua natureza aberta e de sua abordagem racional, a democratização de novos dispositivos midiáticos representa na verdade a ampliação dos públicos, mas a concentração de enunciadores reconhecidos. Mais do que antes, o controle técnico das redes sociais ajuda a traduzir a imagem midiática em carisma popular (Gingras, 2009; Hudelotm 2018).

Com a redução da desigualdade digital no que diz respeito ao acesso às plataformas de redes sociais, líderes populistas são capazes de se comunicar com seus apoiadores “sem filtros”. Enquanto a lógica populista interdita de forma frequente o pluralismo e o pensamento crítico, as possibilidades reais de interação oferecidas pelas novas tecnologias limitam a natureza dialógica do movimento. O populismo de redes sociais passa, então, a replicar o populismo do rádio das décadas de 1940 e 1950 e o populismo de televisão dos anos 1980 e 1990 (Neveu, 1995). Assim como outras formas de dominação carismática, o populismo de rede social estimula e depende, simultaneamente, de percepções de lideranças estabelecidas de cima para baixo, de forma acrítica e quase mágica (Weber, 1972 [1922]).

Apesar de sua utilidade em explicar mudanças nas esferas social, política e midiática, nem tudo é populismo. Para manter a pertinência de um conceito que descreve um fenômeno social, é importante estabelecer uma definição clara e rigorosa, mesmo reconhecendo a necessidade de adaptá-lo às situações em evolução. Esse é um dos principais objetivos desta edição especial.

## **2 Mídia, jornalismo e política em tempos de populismo**

Conforme apresentado acima, as novas iterações do populismo estão inextricavelmente associadas a crises institucionais, descritas de forma ampla como crises na democracia representativa. No entanto, como também foi apontado, além do sistema político, o sistema midiático enfrenta grandes desafios decorrentes da transição de um modelo tradicional dominado por grandes conglomerados de controle privado para um novo modelo baseado na web, articulado em grande parte por um sistema desregulado e descentralizado de redes sociais. Brandindo novas fontes de legitimidade, populistas questionam abertamente as estruturas e práticas do modelo midiático atual.

Neste contexto, a percepção aguda de uma exclusão permanente e multidimensional - das instituições políticas da democracia representativa e seus processos decisórios, e também da representação na mídia e do enquadramento e processos de agendamento que estabelecem esses conteúdos (Tant, 2021) - fortaleceu o fenômeno da re-informação. Sob esta tendência, novas e alternativas fontes de informação adquirem mais credibilidade do que as fontes tradicionais, as quais são acusadas - não totalmente sem razão - de debates sociais obscuros em favor do lucro e do privilégio (Dos Santos & Moreira Cesar, 2021).

A multiplicação da defesa da re-informação em mídias alternativas e redes sociais criou um ambiente disperso, embora em rede - a re-infosfera - no qual é possível excluir completamente vozes tradicionais, silenciando preferências de elite, resultados científicos, reportagens baseadas em fatos e o exame crítico de problemáticas em um só golpe (Ribeiro, 2020). A re-informação é central para a emergência da pós-verdade, uma situação “na qual os fatos objetivos são menos importantes para a conformação da opinião pública do que os apelos à emoção e às crenças pessoais” (Oxford English Dictionary, s. d.).

Como resultado, a mídia - em particular, mas não de exclusivamente, as novas mídias e as mídias alternativas - pode se tornar instrumento da mobilização populista, dando uma voz poderosa ao anti-elitismo e ao anti-pluralismo por meio da pós-verdade, das teorias da conspiração e das fake news, tornando-as fatores políticos que devem ser reconhecidos (Mangerotti et al., 2021; Figeac et al., 2019). A competição em uma ambiente globalizado e neo-liberal significa o envolvimento de todos os tipos de mídia nesta dinâmica (Troude-Chastenet, 2018).

A mediação midiática da esfera pública ficou sob tensão por conta da multiplicação de veículos e plataformas e da falta de distinção aparente entre transmissor e receptor. Originalmente relacionada ao populismo, a noção de que as novas mídias (em especial as redes sociais baseadas na web) são vetores para a democratização do sistema midiático, que podem dar voz e influência política para grupos excluídos e oprimidos até então, ganhou amplo crédito (Daoust, 2017; Duguay, 2019). Embora largamente contestada nos círculos acadêmicos, o discurso populista passou a integrar essa ideia, utilizando-a como prova de sua natureza democrática radical e da falta de legitimidade de qualquer tentativa “elistista” de conter e regular essas mídias (Richaud, 2017; Aubin, 2018).

A contestação à hegemonia da mídia tradicional também levou a questionamentos relacionados à sua autoridade discursiva. Mesmo que a emergência de discursos alternativos seja parte do processo de contestação hegemônica (Fraser, 1995), a pós-verdade e a info-esfera resultaram na normalização dos discursos extremistas (Dos Santos & Moreira Cesar, 2021). Associações retóricas abusivas e até mesmo violentas são legitimadas por narrativas catárticas que apelam para os sentimentos e as emoções de cidadãos desiludidos (Mangerotti et al., 2021). Nesta ambiência discursiva, contradições evidentes são ignoradas e até encorajadas como estratégias controversas. Assim como no populismo tradicional, o populismo baseado nas redes sociais apresenta pouco conteúdo ideológico, servindo como veículo tanto para líderes da extrema direita (Jair Bolsonaro, no Brasil, e Donald Trump, nos Estados Unidos) quanto para aqueles da extrema esquerda (Jean-Luc Mélenchon, na França) (Tant, 2021).

Em tese, os contra-públicos contribuem para a ampliação da esfera pública. No entanto, a natureza contenciosa do populismo - anti-eleitista, anti-institucional e anti-pluralista - resulta, na verdade, em um ataque direto à esfera pública e aos valores de debate aberto e racional, e à busca pelo bem comum (Habermas, 1992 [1962]; Lits, 2014). Conforme Gino Germani (1971) apontou, ao debruçar-se sobre o populismo Latino Americano dos anos 1940 e 1950, formas de populismo contemporâneas, baseadas na mídia ou orientadas pela mídia, não resultaram na inclusão de grupos excluído ou oprimidos ao regime ou aos círculos de tomada de decisão.

Por sua vez, as elites subalternas aproveitam-se da disponibilidade política das grandes massas desorganizadas numa tentativa de derrubar o sistema político - e midiático - e colocá-lo a seu favor através de mobilizações verticais e deferência acrítica às lideranças carismáticas (Fernandes et al., 2021; Mangerotti et al., 2021). A re-infosfera revelou-se um instrumento poderoso no que diz respeito ao apelo ao “povo” e à mobilização de ressentimento acerca de mudanças políticas e sociais, estagnação econômica e ameaças aos seus privilégios percebidos, entre outras formas de retrocessos (Mansbridge & Shames, 2012).

Além do mais, circunscrita às atuais formas de populismo, a tendência de uma cobertura adversarial, na qual a mídia questiona abertamente a legitimidade do sistema político através de do agendamento e de processos de enquadramento negativos sistemáticos (Guazina, 2011), volta-se contra ao próprio sistema midiático através de discursos e práticas radicais de meta-jornalismo (Tant, 2021). Na medida em

que nem o sistema político nem o sistema midiático foram capazes de serem ultrapassados (pelo menos nos casos de estudo apresentados nesta edição), confirmando o argumento de Pierre Bourdieu (2000) sobre a primazia do sistema político, as duas esferas encontram-se sob grande pressão enquanto a disputa por legitimidade tensiona ainda mais as instituições e os laços sociais por meio de intensa polarização (Fernandes et al., 2021; Dos Santos & Moreira Cesar, 2021).

Aliado a um discurso mais amplo acerca da democratização da produção midiática, o anti-elitismo desencadeou um ataque aberto ao jornalismo profissional. A descentralização da produção dos meios de comunicação de massa e a transferência de práticas informativas de veículos tradicionais, impressos ou de radiodifusão, para plataformas web informais representou um golpe às normas, valores e práticas jornalísticas, que já vinham enfraquecidas por pressões econômicas e tecnológicas. A capacidade do sistema midiático de narrar questões complexas com atenção às nuances declinou de forma dramática (Pereira, 2020; Mangerotti et al., 2021). Conforme será discutido abaixo, outra vítima do anti-elitismo foi o debate científico.

O resultado é um forte paradoxo, no qual a bolha aparentemente impenetrável da re-infosfera coexiste com uma expansão inegável dos meios de comunicação de massa, tanto em termos de transmissores e receptores em potencial, quanto em termos de questões trazidas à agenda pública e aos enquadramentos utilizados para reportá-las. As tensões entre um discurso democrático radical e o fechamento ameaçador da esfera pública concederam ao debate uma aura de desgraça iminente que a pandemia de covid-19 acentuou profundamente (Fernandes et al., 2021).

### **3 O populismo de rede social e a pandemia**

O populismo de rede social emerge em um mundo globalizado, no qual a transmissão e a comunicação de direcionamentos políticos - junto com negócios e investimentos - ocorrem em uma escala muito maior e muito mais rápida do que antes. Mesmo que todas as mídias tomem parte nesta tendência, a rede social tem sido um vetor crucial na formação deste fenômeno conforme os observamos hoje. Portanto, em um contexto de insatisfação e incerteza generalizadas, não é nenhuma surpresa que o populismo de mídia social tenha surfado nesta onda global (Dufour, 2021). Com os artigos nesta

edição especial mostram, as dinâmicas regionais em diferentes continentes informam e imitam umas às outras.

A conjuntura - a pandemia de covid-19 - deu mais ímpeto a esta dinâmica, trazendo nítido consolo à natureza do populismo baseado em rede social, bem como servindo de tábua de salvação a ele. A combinação de urgência, incerteza e crise institucional - tanto sanitária, quanto política e midiática - tornou o boato, durante a epidemia, um assunto de estado. Através da pós-verdade, das fake news e da re-informação, os líderes populistas adquiriram visibilidade e influência sem precedentes em esferas públicas que já eram problemáticas (Dos Santos & Moreira Cesar, 2021; Fernandes et al., 2021).

A pandemia de covid-19 ressaltou outra dimensão do populismo baseado nas redes sociais, que é o desprezo flagrante pela ciência e seus mecanismos de construção do conhecimento. A re-infosfera condenou a ciência ao elitismo e os cientistas à elite e denunciou de forma constante a colisão entre esta e outras elites, como os jornalistas e os políticos (Fernandes et al., 2021; Tant, 2021). O ataque à vacinação - construído a partir de um movimento de pós-verdade poderoso, anterior à pandemia - e a promoção de tratamentos sem comprovação científica, como a cloroquina, realizados tanto em plataformas oficiais quanto através de re-infosfera de forma ad nauseam, fortaleceu o discurso polarizador do populismo de rede social. Consequentemente, a pandemia de covid-19 foi eficientemente integrada às meta-narrativas populistas de redes sociais sobre a política, a mídia e a ciência (Dos Santos & Moreira Cesar, 2021; Tant, 2021).

Posições sobre a ciência e sobre a mídia, anteriores à pandemia, também afetam as respostas dos cidadãos. Aqueles que tinham pouca confiança nos meios de comunicação de massa afastaram-se ainda mais da mídia, procurando informações em ambientes online. Mesmo que Mede et al. (2021) concluam que os suíços estão menos inclinados a aderirem ao populismo científico depois da covid-19 do que antes, eles percebem um impacto maior nesta tendência em que já tinha uma posição pró-ciência. A mídia e a comunidade científica são suspeitas há muito tempo de uma conspiração retórica que encontra eco no discurso populista. Os meios de comunicação são retratados como marionetes de autoridades que buscam esconder a verdade (Harambam & Aupers, 2017). Por exemplo, na crise sanitária do vírus Zika em 2015, a falta de confiança na mídia alimentou um comportamento de busca de informação alternativa (Kou et al., 2017). A ciência tem sido vista ou como instrumento político ou como incapaz de cumprir com seus objetivos de buscar a verdade e questionar teorias (Harambam & Aupers, 2015).



A atual pandemia de covid-19 e as expertises da ciência foram mobilizados por líderes populistas de diferentes formas. No Brasil e nos Estados Unidos, os riscos colocados pelo vírus e os decorrentes impactos deste foram minimizados. Na Europa oriental, o discurso populista instrumentalizava a ciência com frequência (Cyr et al., 2021). Por exemplo, o partido húngaro populista no poder, chamado FIDESZ, adaptou seu discurso às circunstâncias da pandemia com o objetivo de culpabilizar grupos geralmente apontados como inimigos do povo húngaro: minorias, refugiados e a União Européia. Alegadamente, as expertises científicas orientavam as decisões, mas era explícito que essas decisões eram prerrogativas da liderança política. Sistemáticamente, explicitava-se que a ciência estava fornecendo informações e não liderando as decisões políticas, que permaneciam ancoradas em um pretense senso comum (Bene & Boda, 2021).

Mesmo que as demandas para regulação de redes sociais tenham sido amplamente difundidas, por enquanto as iniciativas sobre esta questão estão limitadas a medidas tímidas e interessadas de alguns - mas não todos - os proprietários das várias plataformas de redes sociais e restritas a processos analíticos e vagarosos em determinadas jurisdições. Além do peso institucional de alguns líderes populistas, como o fato de Bolsonaro e Trump terem se tornado presidentes de seus países (pelo menos por um período), o apelo à democracia radical e a valores como liberdade de expressão irrestrita desaceleraram a resposta institucional, sublinhando ainda mais a natureza crítica desta situação. Como resultado deste processo, o populismo baseado em redes sociais continua a prosperar em um campo desregulamentado, contribuindo para sua reprodução (Mangerotti et al., 2021).

A própria pandemia criou uma necessidade de informação que levou mais cidadãos a voltarem-se às redes virtuais, aumentando o risco de exposição à desinformação, às informações em disputa e às narrativas populistas. Ainda assim, em muitos países, as pessoas também ligaram-se aos meios de comunicação de massa, em especial à televisão, mesmo aqueles que não tinham o hábito de acompanhar as notícias de forma habitual (Casero Ripolles, 2020; Van Aelst et al., 2021). Em muitos lugares, as transmissões quase que diárias de pronunciamentos sobre a covid tornaram-se eventos midiáticos que estruturavam a rotina diária, derrubada pelo confinamento e pelas restrições da pandemia (Mihelj et al., 2021). O impacto também foi percebido nas redações de várias maneiras; algumas organizações e seus jornalistas se adaptaram, enquanto outras viram sua capacidade de cobertura limitada significativamente

pelo restrito acesso às fontes, que tornou-se mais difícil por restrições de deslocamento ou por desculpas utilizadas pelos governos para restringir o trabalho dos jornalistas (Quandt & Wahl-Jorgensen, 2021). Os jornalistas também precisaram contar com fontes governamentais mais do que nunca, junto (e muitas vezes em contradição) com fontes da área médica e especialistas em saúde pública (Mellado et al., 2021).

O populismo baseado nas redes sociais prospera na percepção de vozes iguais, possibilitadas pelas novas mídias e mídias alternativas, e é uma séria ameaça à democracia representativa, incluindo seus valores e estruturas, e mais notadamente ao pluralismo. No entanto, os artigos desta edição apontam para uma contradição crucial entre a potencial descentralização das redes sociais, especialmente no que diz respeito aos receptores e também aos transmissores, e a dependência do populismo de um único, incontestável e carismático enunciador. O populismo do passado e de hoje é assunto das elites subalternas buscando acesso ao poder e não um campo aberto a sujeitos de fora que pretendem aprofundar ou ampliar a esfera pública. (Germani, 1971; Mangerotti et al., 2021; Tant, 2021). A política de consolidação de longo termo do populismo de rede social não pode ser menosprezada. Desenvolvimentos recentes em alguns países, como a Hungria, destacam a ameaça que a combinação de populismo com a forte competição entre partidos pode causar à democracia (Enyedi, 2016), uma ameaça potencialmente mais aguda no contexto de pandemia.

Para concluir, os artigos desta edição sobre populismo, mídia e jornalismo estão alicerçados, mas também contribuem com uma extensa literatura sobre a natureza e as consequências do populismo. Entre as questões levantadas, estão a distância entre o discurso sobre democracia radical e a sua prática real, os efeitos destrutivos do populismo na estrutura e nas dinâmicas de vários campos sociais, a importância do contexto em determinar a verdadeira natureza do discurso e da prática populista, assim como o papel da globalização na interação com contextos locais. Anti-elitismo, anti-pluralismo, polarização, liderança carismática não são apenas lugares comuns nos estudos sobre populismo, eles ganham novos contornos quando são aferidos seus efeitos na mídia e no jornalismo.

Ao final, o estudo do populismo na mídia e no jornalismo levanta questões importantes sobre suas especificidades no contexto das novas formas de comunicação e conexão, sobre como crises podem criar oportunidades para a sua emergência e como diferentes sistemas políticos se engajam com ou resistem às críticas populistas.

Essa edição especial contribui com estes pontos e sugere novos caminhos para pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

Armony, V. (2002). Populisme et néopopulisme en Argentine: de Juan Perón à Carlos Menem. *Politique et sociétés*, 21(2), 51–77. DOI: 10.7202/000479ar

Aubin, F. (2018). Les mouvements sociaux et la mise à l'agenda des problèmes publics: le problème en construction du contrôle des armes à feu aux États-Unis. *Les enjeux de l'information et de la communication*, (19), 11–25. Recuperado de <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01965919>

Bene, M., & Boda, Z. (2021). Hungary: Crisis as usual – Populist governance and the pandemic. In G. Bobba & N. Hubé (Eds.), *Politicization of the COVID-19 crisis in Europe* (pp. 87–100). London: Palgrave Macmillan.

Blassnig, S., Engesser, S., Ernst, N., & Esser, F. (2019). Hitting a Nerve: Populist News Articles Lead to More Frequent and More Populist Reader Comments. *Political Communication*, 36(4), 629–651. DOI: 10.1080/10584609.2019.1637980

Bourdieu, P. (2000). *Propos sur le champ politique*. Lyon: Presses universitaires de Lyon.

Cassell, K. J. (2021). The comparative effectiveness of populist rhetoric in generating online engagement. *Electoral Studies*, 72, 1–10. DOI: 10.1016/j.electstud.2021.102359

Casero-Ripollés, A. (2020). Impact of Covid-19 on the media system. Communicative and democratic consequences of news consumption during the outbreak. *El profesional de la información*, 29(2), 1–11. DOI: 10.3145/epi.2020.mar.23

Cyr, J., Bianchi, M., González, L., & Perini, A. (2021). Governing a Pandemic: Assessing the Role of Collaboration on Latin American Responses to the COVID-19 Crisis. *Journal of Politics in Latin America*, 13(3), 290–327. DOI: 10.1177/1866802X211049250!

Daoust, J-F. (2017). Démocratisation de l'information: effets différenciés des médias traditionnels et des nouveaux médias. *Politique et sociétés*, 36(1), 25–46. DOI: 10.7202/1038759ar

Dos Santos, N. F., & Moreira Cesar, C. (2021). Covid and populism in the news: how Brazilian media outlets approach the issue of populism during the pandemic. *Brazilian Journalism Research*, 17(3), 536-561.

Dufour, F. G. (2021). *Entre peuple et élite, le populisme de droite*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal.

Duguay, P. (2019). *Réseaux sociaux et nouveaux espaces démocratiques: un effet sur les attitudes politiques?*, [Dissertation, Université du Québec à Montréal]. Montréal: Université du Québec à Montréal.

Enyedi, Z. (2016). Populist polarization and party system institutionalization: the role of party politics in de-democratization. *Problems of Post-Communism*, 63(4), 210–220. DOI: 10.1080/10758216.2015.1113883

Fernandes, C. M., Oliveira, L. A., Campos, M. M., & Coimbra, M. R. (2021). Press x government: the populist rhetoric of the covid-19 pandemic on the social network Twitter. *Brazilian Journalism Research*, 17(3), 562-595.

Figeac, J., Salord, T., Cabanac, G., Fraasier, O., Ratinaud, P., Seffusatti, F., & Smyrniaios, N. (2019). Facebook favorise-t-il la désinformation et la polarisation idéologique des opinions? *Questions de communication*, (36), 167–187. DOI: 10.4000/questionsdecommunication.21149

Fraser, N. (2001). Repenser la sphère publique: une contribution à la critique de la démocratie telle qu'elle existe réellement. *Hermès, La Revue*, (31), 125–156. DOI : 10.4267/2042/14548

Germani, G. (1971). *Politique, société et modernisation*. Gembloux: Duculot.

Gingras, A-M. (2009). *Médias et démocratie* (3rd ed.). Quebec: Presses de l'Université du Québec.

Guaizina, L. (2011). *Jornalismo em busca da credibilidade: A cobertura adversária do Jornal Nacional no escândalo do Mensalão* [doctoral dissertation, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UNB.

Habermas, J. (1992). *L'espace public* (XXrd ed.). Paris: Payot. [1962]

Hameleers, M. (2020). Populist Disinformation: Exploring Intersections between Online Populism and Disinformation in the US and the Netherlands. *Politics and Governance*, 8(1), 146–157. DOI: 10.17645/pag.v8i1.2478

Harambam, J., & Aupers, S. (2015). Contesting epistemic authority: Conspiracy theories on the boundaries of science. *Public Understanding of Science*, 24(4), 466–480. DOI:10.1177/0963662514559891

Harambam, J., & Aupers, S. (2017). 'I Am Not a Conspiracy Theorist': Relational Identifications in the Dutch Conspiracy Milieu. *Cultural Sociology*, 11(1), 113–129. DOI: 10.1177/1749975516661959

Hudelot, A. (2018). L'adoption et l'instrumentalisation des technologies de communication pendant les deux Guerres mondiales: Le cas de l'Allemagne (1914–1945). In A-M. Gingras (Ed.), *Histoires de communication politique: Pratiques et état des savoirs* (pp. 55–74). Quebec: Presses de l'Université du Québec.

Kou, Y., Gui, X., Chen, Y., & Pine, K. (2017). Conspiracy Talk on Social Media: Collective Sensemaking during a Public Health Crisis. *Proceedings of the ACM Human-Computer Interaction*, 1, 61–81. DOI: 10.1145/3134696

Laclau, E. (1989). *La Guerre des identités*. Grammaire de l'émancipation. Paris: La Découverte.

Laclau, E. (2008). *La raison populiste*. Paris: Seuil.

Lits, M. (2014). L'espace public: concept fondateur de la communication. *Hermès, La Revue*, (70), 77–81. DOI: 10.3917/herm.070.0075

Mangerotti, P., Ribeiro, V., & González, P. (2021). Populism, Twitter and political communication: an analysis of Jair Bolsonaro's tweets during the 2018 election campaign. *Brazilian Journalism Research*, 17(3), 596-627.

Mansbridge, J., & Shames, S. (2012). Vers une théorie du backlash: la résistance dynamique et le rôle fondamental du pouvoir. *Recherches féministes*, 25(1), 151–162. DOI:10.7202/1011121ar

Mede, N. G., & Schäfer, M. S. (2021). Science-related populism declining during the COVID-19 pandemic: A panel survey of the Swiss population before and after the Coronavirus outbreak. *Public Understanding of Science*, online first, 1–12. DOI: 10.1177/09636625211056871

Mellado, C., Hallin, D., Cárcamo, L., Alfaro, R., Jackson, D., Humanes, M. L., Márquez-Ramírez, M., Mick, J., Mothes, C., Lin, C. I., Lee, M., Alfaro, A., Isbej, J., & Ramos, A. (2021). Sourcing Pandemic News: A Cross-National Computational Analysis of Mainstream Media Coverage of COVID-19 on Facebook, Twitter, and Instagram. *Digital Journalism*, 9(9), 1–25. DOI: 10.1080/21670811.2021.1942114

Mihelj, S., Kondor, K., & Št tka, V. (2021). Audience Engagement with COVID-19 News: The Impact of Lockdown and Live Coverage, and the Role of Polarization. *Journalism Studies*, online first, 1–19. DOI:10.1080/1461670X.2021.1931410

Mudde, C., & Kaltwasser, C.R. (2018). *Brève introduction au populisme*. Paris: Aube.

Neveu, É. (1995). Les émissions politiques à la télévision. Les années quatre-vingt ou les impasses du spectacle politique. *Hermès, La Revue*, (17–18), 145–162. DOI: 10.4267/2042/15214

Pereira, F. H. (2020). *As diferentes maneiras de ser jornalista: um estudo sobre as carreiras profissionais no jornalismo brasileiro*. Brasília: Editora UnB.

Pessey, C. (2014). Le populisme dans les médias. *Humanisme*, (305), 49–54. DOI: 10.3917/huma.305.0049

Oxford English Dictionary. (n.d). *Post-truth*. In Oxford University Press. Recuperado em 14 de dezembro de 2021, de [www.oed.com](http://www.oed.com)

Quandt, T., & Wahl-Jorgensen, K. (2021). The Coronavirus Pandemic as a Critical Moment for Digital Journalism. *Digital Journalism*, 9(9), 1199–1207. DOI: 10.1080/21670811.2021.1996253

Quattrocchi-Woisson, D. (1997). Les populismes latino-américains à l'épreuve des modèles d'interprétation européens. Vingtième siècle. *Revue d'histoire*, (56), 161–183. Retrieved from [www.persee.fr/doc/xxs\\_0294-1759\\_1997\\_num\\_56\\_1\\_4500](http://www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1997_num_56_1_4500)

Ribeiro, R. R. (2020). La réinfosphère brésilienne: fake news et intolérance dans la vie quotidienne numérique. *Sociétés*, (147), 43–52. DOI: 10.3917/soc.147.0043

Richaud, C. (2017). Les réseaux sociaux: nouveaux espaces de contestation et de reconstruction de la politique? *Les Nouveaux Cahiers du Conseil constitutionnel*, (57), 29–44. DOI: 10.3917/nccc1.057.0029

Schumann, S., Boer, D., Hanke, K., & Liu, J. (2021). Social media use and support for populist radical right parties: assessing exposure and selection effects in a two-wave panel study. *Information, Communication & Society*, 24(7), 921–940. DOI: 10.1080/1369118X.2019.1668455

Tant, C. (2021). Le Média: A Populist Critique of Journalists and the Media by Journalists. Journalism as a social good of the people. *Brazilian Journalism Research*, 17(3), 628-651.

Van Aelst, P., Tóth, F., Castro, L., Štětka, V., Vreese, C., Aalberg, T., Corbu, N., Cardena, A. S., Esser, F., Hopmann, D. N., Koc-Michalska, K., Matthes, J., Schemer, C., Sheafer, T., Splendore, S., Stanyer, J., Stępińska, A., Strömbäck, J., & Theocharis, Y. (2021). Does a Crisis Change News Habits? A Comparative Study of the Effects of COVID-19 on News Media Use in 17 European Countries. *Digital Journalism*, 9(9), 1208–1238. DOI: 10.1080/21670811.2021.1943481

Weber, M. (1972). *Wirtschaft und Gesellschaft* (5th ed.). Tübingen: J.C.B. Mohr. [1922]